



***COVID-19 no Brasil:
Os Múltiplos Olhares da Ciência
para Compreensão e Formas de
Enfrentamento***

2

***Luís Paulo Souza e Souza
(Organizador)***



***COVID-19 no Brasil:
Os Múltiplos Olhares da Ciência
para Compreensão e Formas de
Enfrentamento***

2

***Luís Paulo Souza e Souza
(Organizador)***

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

COVID-19 no Brasil: os múltiplos olhares da ciência para compreensão e formas de enfrentamento

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Luís Paulo Souza e Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C873 COVID-19 no Brasil [recurso eletrônico] : os múltiplos olhares da ciência para compreensão e formas de enfrentamento 2 / Organizador Luís Paulo Souza e Souza. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-276-0

DOI 10.22533/at.ed.760201908

1. COVID-19 – Brasil. 2. Pandemia. 3. Saúde. I. Souza, Luís Paulo Souza e.

CDD 614.51

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O ano de 2020 iniciou marcado pela pandemia da COVID-19 [*Coronavirus Disease 2019*], cujo agente etiológico é o SARS-CoV-2. Desde a gripe espanhola, em meados de 1918, o mundo não vivia uma crise sanitária tão séria que impactasse profundamente todos os segmentos da sociedade. O SARS-CoV-2 trouxe múltiplos desafios, pois pouco se sabia sobre suas formas de propagação e ações no corpo humano, demandando intenso trabalho de Pesquisadores(as) na busca de alternativas para conter a propagação do vírus e de formas de tratamento dos casos.

No Brasil, a doença tem se apresentado de forma desfavorável, com elevadas taxas de contaminação e de mortalidade, colocando o país entre os mais atingidos. Em todas as regiões, populações têm sido acometidas, repercutindo impactos sociais, sanitários, econômicos e políticos. Por se tratar de uma doença nova, as lacunas de informação e conhecimento ainda são grandes, sendo que as evidências que vão sendo atualizadas quase que diariamente, a partir dos resultados das pesquisas. Por isso, as produções científicas são cruciais para melhor compreender a doença e seus efeitos, permitindo que se pense em soluções e formas para enfrentamento da pandemia, pautando-se na cientificidade. Reconhece-se que a COVID-19 é um evento complexo e que soluções mágicas não surgirão com um simples “*estalar de dedos*”, contudo, mesmo diante desta complexidade e com os cortes de verbas e ataques de movimentos obscurantistas, os(as) Cientistas e as universidades brasileiras têm se destacado neste momento tão delicado ao desenvolverem desde pesquisas clínicas, epidemiológicas e teóricas até ações humanitária à população.

Reconhecendo que, para entender a pandemia e seus impactos reais e imaginários no Brasil, devemos partir de uma perspectiva realista e contextualizada, buscando referências conceituais, metodológicas e práticas, surge a proposta deste livro. A obra está dividida em três volumes, elencando-se resultados de investigações de diversas áreas, trazendo uma compreensão ampliada da doença a partir de dimensões que envolvem alterações moleculares e celulares de replicação do vírus; lesões metabólicas que afetam órgãos e sistemas corporais; quadros sintomáticos; alternativas terapêuticas; efeitos biopsicossociais nas populações afetadas; análise das relações das sociedades nas esferas culturais e simbólicas; e algumas análises por regiões.

Destaca-se que esta obra não esgota a discussão da temática [e nem foi pensada com esta intenção], contudo, avança ao permitir que os conhecimentos aqui apresentados possam se somar às informações já existentes sobre a doença. Este material é uma rica produção, com dados produzidos de forma árdua e rápida por diversos(as) Pesquisadores(as) de regiões diferentes do Brasil.

Sabemos o quão importante é a divulgação científica e, por isso, é preciso evidenciar a qualidade da estrutura da Atena Editora, que oferece uma plataforma consolidada e

confiável para os(as) Pesquisadores(as) divulgarem suas pesquisas e para que os(as) leitores(as) tenham acesso facilitado à obra, trazendo esclarecimentos de questões importantes para avançarmos no enfrentamento da COVID-19 no país.

Luís Paulo Souza e Souza

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NÚMEROS QUE CONTAM UMA HISTÓRIA – REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE NARRATIVAS PRODUZIDAS PELO JORNALISMO DE DADOS	
Raquel Lobão Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.7602019081	
CAPÍTULO 2	19
A FINITUDE HUMANA E A DOR DE NÃO PODER DIZER ADEUS: O SÉCULO XXI EM TEMPOS DE COVID-19	
Andrea Suzana Vieira Costa	
Adriano Farias Rios	
Alice Bianca Santana Lima	
Anne Caroline Nava Lopes	
Bruno Luciano Carneiro Alves de Oliveira	
Elza Lima da Silva	
Nair Portela Silva Coutinho	
Rafael de Abreu Lima	
Sílvia Cristianne Nava Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.7602019082	
CAPÍTULO 3	32
ALÉM DO COVID-19: OS PRINCIPAIS DESAFIOS SOCIOECONÔMICOS NO COMBATE À PANDEMIA	
Ewerton Emmanuel Soares Silva	
Ádila Cristie Matos Martins	
Giulia Mohara Figueira Sampaio	
Marcella Araújo Pires Bastos	
Humberto de Araújo Tenório	
DOI 10.22533/at.ed.7602019083	
CAPÍTULO 4	43
DESAFIOS SOCIAIS E O CAOS NA SAÚDE EM TEMPOS DE COVID-19	
Letícia Olímpia de Santana	
Aline Olegário da Silva	
Leandro Augusto da Silva Araujo	
Joseane da Silva Ferreira	
Macelle Iane da Silva Correia	
Darli Maria de Souza	
Shirlaine Rosaly da Silva	
Yan Wagner Brandão Borges	
Maria Juliana dos Santos Dantas	
Alessandra Maria dos Santos	
Silvany da Silva Santana	
Luana Olegário da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7602019084	
CAPÍTULO 5	50
O IMPACTO DA DESIGUALDADE: AS INIQUIDADES SOCIOECONÔMICAS NA DETERMINAÇÃO DOS CASOS E RECUPERAÇÃO DA COVID-19 NO BRASIL	
Marcelo Victor de Arruda Freitas	
Luís Roberto da Silva	
Amanda Priscila de Santana Cabral Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7602019085	

CAPÍTULO 6 60

COVID-19 E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL

Luís Felipe Gonçalves de Lima
Júlio César Tavares Marques
Artêmio José Araruna Dias
Pedro Lukas do Rêgo Aquino
Andrey Maia Silva Diniz
Luiz Severo Bem Junior

DOI 10.22533/at.ed.7602019086

CAPÍTULO 7 68

COVID-19 E GRAVIDEZ: UM ESTUDO ASSOCIATIVO

Thayser Nayarah Estanislau Sousa
Amanda da Cunha Ignácio
Danielle Costa Pires
Fernanda Queiroz Xavier
Flávia Pina Siqueira Campos de Oliveira
Isabelle Arielle Curto Durand
Luísa Macedo Nalin
Marcella Bispo dos Reis Di Iorio
Marcus Vinícius Estevanim de Souza
Natália Merheb Haddad
Nathaly Bianca da Silva
Lara Cândida de Sousa Machado

DOI 10.22533/at.ed.7602019087

CAPÍTULO 8 80

ALEITAMENTO MATERNO, SAÚDE DA CRIANÇA E COVID-19: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Fernanda Maria Magalhães Silveira
Karine da Silva Oliveira
Raquel Leite Vasconcelos
Alessandra Carvalho Nóbrega Duarte
Gleyciane Santiago Ripardo
Maria da Conceição Alves Silva
Thamyres Rocha Monte e Silva

DOI 10.22533/at.ed.7602019088

CAPÍTULO 9 89

OS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM TEMPOS DE COVID-19

Diego Felipe Borges Aragão
Francisca Edinária de Sousa Borges
Francisco Etevânio de Sousa Borges
Emerson Batista da Silva Santos
Francisco Erivânio de Sousa Borges
Antônia Sylca de Jesus Sousa
Luiza Beattrys Pereira dos Santos Lima
Emanuel Wellington Costa Lima
Ludiane Rodrigues Dias Silva
Maria Sauanna Sany de Moura
Priscila Martins Mendes
Ana Paula Ribeiro de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.7602019089

CAPÍTULO 10	100
A EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA NO PERÍODO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS (COVID-19): REFLEXÕES E RELATOS	
Deise Bastos de Araújo Derivan Bastos dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.76020190810	
CAPÍTULO 11	108
AS NOVAS TECNOLOGIAS E A COVID-19: O REPENSAR DA CAPACITAÇÃO DOCENTE	
Ana Abadia dos Santos Mendonça Donizete Lima Franco	
DOI 10.22533/at.ed.76020190811	
CAPÍTULO 12	118
O USO DA TELESSAÚDE DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: SCOPING REVIEW E UMA REFLEXÃO SOBRE O ATUAL CENÁRIO BRASILEIRO	
Caio Godinho Caldeira Luísa Machado dos Santos Rocha João Vitor Liboni Guimarães Rios Marcos Paulo da Cruz Pimenta Priscila Cristian do Amaral Isabela Soares Maia Vinicius Azevedo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.76020190812	
CAPÍTULO 13	131
DOENÇAS EMERGENTES E REEMERGENTES: REVISÃO INTEGRATIVA	
Estela Silva Antoniassi Maiara Gonçalves Rodrigues Carlos Eduardo Malavasi Bruno	
DOI 10.22533/at.ed.76020190813	
CAPÍTULO 14	144
ABORDAGENS TERAPÊUTICAS E PREVENTIVAS EMERGENTES PARA A COVID-19 E PAPEL DO FARMACÊUTICO FRENTE À PANDEMIA: UMA REVISÃO	
Stefanye Ferreira dos Santos Lara Souza Pereira Joice Rosa Mendes Icaro da Silva Freitas Mauro Márcio Marques Dourado Filho Victor Clayton Sousa Nunes Tarcísio Rezene Lopes Marcio Cerqueira de Almeida José Marcos Teixeira de Alencar Filho Elaine Alane Batista Cavalcante Naiara Silva Dourado Morganna Thinesca Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.76020190814	
CAPÍTULO 15	154
CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO EM BELO HORIZONTE DURANTE O DISTANCIAMENTO SOCIAL DECORRENTE DA PANDEMIA DE COVID-19	
Antonio Hot Pereira de Faria Diego Filipe Cordeiro Alves	

CAPÍTULO 16 166

CORONAVÍRUS EM ANIMAIS DOMÉSTICOS: REVISÃO DE LITERATURA

Arian Santos Figueiredo
Bruna Silveira Barroso
Yuri Mota do Nascimento
Milena Maria Felipe Girão
Myrna Marcionila Xenofonte Rodrigues
Jeully Pereira Pires
Lucas dos Santos Luna
Alice Sampaio de Oliveira Dias
Karla Sayonnara Cruz Gonçalves
Elisberto Nogueira de Souza
Isabelle Rodrigues de Lima Cruz
Williana Bezerra Oliveira Pessoa
Maria Ruth Gonçalves da Penha
Maria Eduarda de Souza Silva
Débora de Andrade Amorim
Maria do Socorro Vieira Gadelha

DOI 10.22533/at.ed.76020190816

SOBRE O ORGANIZADOR..... 177

ÍNDICE REMISSIVO 178

CAPÍTULO 2

A FINITUDE HUMANA E A DOR DE NÃO PODER DIZER ADEUS: O SÉCULO XXI EM TEMPOS DE COVID-19

Data de aceite: 01/08/2020

Data de Submissão: 25/05/2020

Andrea Suzana Vieira Costa

Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Maranhão.

iD (0000-0003-4490-766x).

Adriano Farias Rios

Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Maranhão.

iD (0000-0003-2619-044x).

Alice Bianca Santana Lima

Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Maranhão.

iD (0000-0003-3963-5647).

Anne Caroline Nava Lopes

Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Maranhão.

iD (0000-0003-0157-0040)

Bruno Luciano Carneiro Alves de Oliveira

Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Maranhão.

iD (0000-0001-8053-7972).

Elza Lima da Silva

Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Maranhão.

iD (0000-0002-0287-046x)

Nair Portela Silva Coutinho

Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Maranhão.

iD (0000-0002-2050-026x)

Rafael de Abreu Lima

Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Maranhão.

iD (0000-0002-7945-7614)

Silvia Cristianne Nava Lopes

Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Maranhão.

iD (0000-0002-1879-6241)

RESUMO: A morte é um processo universal, cabe ao ser humano, a aceitação das perdas e luto. Contudo, com a pandemia da Covid-19, os debates sobre a finitude humana ganham maior importância dada a excepcionalidade desse fenômeno. Objetivo: Realizar uma análise sobre o processo de morrer envolvendo os pacientes portadores da Covid-19. Métodos: Realizou-se uma revisão de literatura a fim de se estruturar o texto em duas partes. Na primeira, contextualizou-se sobre a despedida e os rituais fúnebres na presença da Covid-19 e, na segunda, foi realizada uma análise sobre as experiências contemporâneas do morrer. Conclusões: A morte é uma etapa importante do ciclo vital, mas, com a pandemia da Covid-19,

torna-se evidente os conflitos entre os valores individuais da liberdade do processo fúnebre familiar, com as medidas estatais de preservação da vida comunitária.

PALAVRAS-CHAVE: Tanatologia, Bioética, Novo Coronavírus, Morte e Covid-19.

HUMAN FINITUDE AND THE PAIN OF NOT BE ABLE TO SAY GOODBYE: THE 21ST CENTURY IN COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT: Death is a universal process, it is up to the human being, the acceptance of losses and mourning. However, with the Covid-19 pandemic, debates about human finitude become more important given the exceptional nature of this phenomenon. Objective: To carry out an analysis on the dying process involving patients with Covid-19. Methods: A literature review was carried out in order to structure the text in two parts. In the first, it was contextualized about the farewell and the funeral rituals in the presence of Covid-19 and, in the second, an analysis was made about the contemporary experiences of dying. Conclusions: Death is an important stage of the life cycle, but with the Covid-19 pandemic, conflicts between the individual values of freedom in the family funeral process, with state measures to preserve community life, become evident.

KEYWORDS: Thanatology, Bioethics, New Coronavirus, Death and Covid-19.

1 | INTRODUÇÃO

Com a eclosão de um novo vírus letal em escala mundial, a capacidade de detecção precoce e resposta imediata da sociedade fica fragilizada. A potencial infectividade, letalidade e mortalidade do Novo Coronavírus demonstram que, em todos os continentes, a morte pela Covid-19 se apresenta como uma experiência inevitável e um verdadeiro desafio para a saúde pública. A angústia dessa luta, torna inevitável o enfrentamento da realidade, qual seja, o fato de que, sendo um ser vivo, um dia ele morrerá.

Em janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o surto do Novo Coronavírus como uma questão de emergência de saúde pública de interesse internacional e, em março de 2020, com a disseminação deste vírus em diferentes países, foi declarada a pandemia (BRASIL, 2020a).

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), o Novo Coronavírus, também denominado de Síndrome Coronariana Aguda 2 da Síndrome Respiratória Aguda (SARS-CoV-2) é uma nova cepa de Coronavírus, que não foi previamente identificada em humanos e causador da doença Covid-19. É transmitido de uma pessoa doente para outra, por contato próximo, por meio do toque ou aperto de mão, além de gotículas de saliva e contato com objetos ou superfícies contaminadas como celulares, mesas e maçanetas. O tempo médio entre o período de incubação e a manifestação da doença é de 02 a 14 dias (BRASIL, 2020a).

Dentre os sintomas mais comuns da Covid-19, destacam-se a febre alta persistente

e tosse ou dificuldade para respirar, entre outros sintomas gripais. Esta doença é mais frequente na população idosa, com comorbidades, tais como hipertensão arterial, diabetes mellitus e cardiopatias. Mas, também pode se manifestar na população jovem. Alguns pacientes são assintomáticos, outros poderão desenvolver a forma mais grave da Covid-19 e necessitar de suporte avançado para manutenção da vida. Nesta forma, o risco de morte é eminente (BRASIL, 2020a).

É importante destacar que, desde o registro do primeiro caso confirmado na cidade de Wuhan (China) no final de 2019, até o dia 24 de maio de 2020, já foram contabilizados um total de 5.471.945 casos confirmados e 344.731 óbitos por Covid-19 no mundo. O Brasil ocupa o 2º lugar no *ranking* mundial com 363.211 casos confirmados e 22.666 óbitos, permanecendo acima de países como a Rússia, Espanha e Itália (JOHNS HOPK, 2020).

Ainda não existe um consenso em relação ao cálculo das taxas de letalidade do Novo Coronavírus e estas têm sido questionadas em diversos países, tanto por falta de precisão em relação ao numerador (total de óbitos), quanto ao denominador (total de casos), especialmente nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, onde há subnotificação e escassez de testes rápidos para testagem da população em massa.

Nesse momento ímpar de crise sanitária, a pandemia pela Covid-19 apresenta uma complexa rede de aspectos, relacionadas à estrutura do sistema de saúde, à economia, à realidade da fome, à miséria, ao desamparo e ao abandono social. Nesse sentido, a insegurança, angústia e medos frente a esses aspectos, ressurgem com a possibilidade de contágio/infecção e de morte provocados pelo ‘inimigo invisível’, o Novo Coronavírus (TAVARES, 2020).

Os sentimentos negativos expressos pelo homem em relação à morte podem ser exacerbados ou minimizados de acordo com o sistema cultural em que se insere. A luta contra uma determinada doença e a descrição comum da morte como ter ‘perdido a batalha’, refletem uma noção moderna da morte (NEGRINI, 2014).

Gomes e Ruiz (2006) afirmam que, diante do significado da morte como um processo universal, fisiológico e irreversível, cabe ao ser humano a aceitação do próprio destino, das próprias perdas e lutos, enfim de sua existência. Por conseguinte, os autores chegaram a um conceito da Tanatologia, como sendo a ciência que estuda as atitudes que o homem tem diante da finitude humana, destacando a ideia de que, entre as várias atitudes diante da morte e do morrer, o medo é a mais comum.

Os hospitais, ao assumirem progressivamente a imagem de um local adequado para uma ‘melhor morte’, fez com que esta, se tornasse mais remota e oculta do olhar de todos que não exercem funções profissionais em ambiente hospitalar. Assim a necessidade de lidar com a morte representa uma faceta crucial quando se trabalha com a saúde (FERREIRA e WANDERLEY, 2014).

Por este motivo, pode-se entender o porquê, por vezes, de ser tão difícil para o

profissional de saúde manter uma comunicação saudável com o paciente terminal fora de possibilidades terapêuticas e/ou seus familiares. Estes trabalhadores possuem uma formação acadêmica direcionada para reabilitar a saúde, visando o prolongamento da vida, e conseqüentemente, vislumbram a morte como um fracasso profissional, o que leva a sentimentos de impotência e tristeza (NEGRINI, 2014).

Considerando a pandemia da Covid-19, sua dinâmica de disseminação, o elevado número de óbitos em escala global e seus desdobramentos acerca da finitude humana, quais sejam: o momento da despedida, o preparo dos corpos, o luto e os rituais fúnebres, nos propomos a realização do presente estudo, com o objetivo principal de realizar uma análise sobre o processo de morrer envolvendo os pacientes portadores da Covid-19.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

Realizou-se uma revisão bibliográfica e análise documental, de base qualitativa no período entre 20 março e 24 de maio de 2020, a partir de matérias jornalísticas digitais (texto, hipertexto e hiperímídia), boletins epidemiológicos e protocolos de saúde publicizados na *Internet* pelos principais órgãos oficiais de regulação em saúde pública nacional e internacionais, quais sejam: MS, Organização Mundial da Saúde (OMS) e Organização Pan Americana da Saúde (OPAS). Além de livros e artigos científicos.

Uma questão substancial, diz respeito ao ineditismo do tema, dado que o Novo Coronavírus foi descoberto recentemente e ainda demanda pesquisas para esclarecer seus impactos na saúde pública. Nesse sentido, os protocolos e resultados parciais de pesquisas científicas podem ser modificados ao longo do tempo e devem ser motivo de atualização técnica frequente pelos pesquisadores e profissionais de saúde. Há uma escassez de trabalhos acadêmicos sobre a relação entre a finitude humana e o luto em consequência da Covid-19, o que dificulta a elaboração de revisões de literatura acerca dessa temática.

Com efeito, é essencial resguardar o uso de matérias jornalísticas como fonte na pesquisa científica. Segundo Thiollent (1983), no jornalismo científico, os jornalistas desempenham um papel intermediário entre os cientistas e o público, senão vejamos:

“Entendemos por jornalismo científico, o conjunto das atividades jornalísticas dedicadas a assuntos científicos e tecnológicos, direcionadas para o grande público, por meio de diversas mídias: imprensa, rádio, televisão, jornais especializados e outras publicações [...]” (THIOLLENT, 1983, p.124-125).

Silva e Costa (2016) afirmam que o jornalismo tem como função principal difundir informação científica de forma objetiva e compreensível para o público. Nesse seguimento, o uso de plataformas tecnológicas, e mais especificamente, das redes sociais na *Internet*, é uma forma das publicações aproximarem-se de seu público, ao mesmo tempo em que legitima o conteúdo da ciência através de publicações que tornam as descobertas

acessíveis ao conhecimento do público.

Com relação a objetividade das matérias jornalísticas, Neveu (2006) afirma que quando alguma informação publicada se mostra incorreta ou o jornalista não tenha sido 'objetivo' o suficiente, ele corre o risco de ser demitido. Isso justifica o porquê de tantas matérias jornalísticas serem citadas em pesquisas científicas divulgadas em periódicos como a *Science* e *Nature*. Para o autor, se as pesquisas passaram pelo crivo desses periódicos, significa que a mesma pode ser noticiada sem problemas futuros de retratação.

A partir das posições de Thiollent e Neveu, compreende-se que as matérias jornalísticas têm sido importantes ferramentas de informação, exigindo dos pesquisadores expertise e técnicas de manejo, haja vista que o jornalismo científico interfere em diversos setores da vida social, na disseminação de valores, ideologias, modos de pensar e agir, num determinado contexto histórico, o que o torna uma fonte inesgotável de pesquisa.

No presente estudo, foram escolhidos somente jornais de maior circulação nacional. O *ciberjornalismo* ou jornalismo digital representa a forma mais atual de produção, veiculação e consumo de notícias entre os grandes veículos de comunicação na contemporaneidade, sendo “a *Internet* tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (ferramenta para coleta de dados sobre um determinado tema)” (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p.17).

Nesse seguimento, na primeira etapa da pesquisa, qual seja, a coleta de dados, foi constituída através da observação sistemática, coleta e seleção do material impresso e em formato digital, através de quatro passos metodológicos propostos por Baym, quais sejam:

“a) Conexão com a história prévia da investigação: mediante o levantamento bibliográfico e documentos específicos sobre o objeto estudado; b) Foco: manter o enfoque na temática ou na abordagem escolhida, decorrente da importância do conhecimento sobre as mesmas; c) Antecipação de contra-argumentos: através da problematização dos conceitos centrais, da observação atenta ao contexto e ao próprio pesquisador, estabelecendo um limite das reivindicações em relação ao objeto e a análise e; d) Desenvolvendo explicações convincentes: através da capacidade de oferecer maneiras de pensar que possam mudar a forma como compreendemos e agimos em nosso mundo social” (BAYM *apud* FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p.50-51).

A amostra se caracterizou como intencional, do tipo Casos Típicos, obtida de acordo com os critérios usados em investigações qualitativas. Para Frago, Recuero e Amaral (2011), esta amostra busca selecionar, a partir de uma escolha intencional, os elementos característicos de um certo universo de pesquisa, como por exemplo, através da indicação de palavras-chave (ocorrências).

Para fins deste estudo, utilizou-se as seguintes palavras-chaves: Tanatologia, Bioética, Novo Coronavírus, Morte e Covid-19. Com relação aos critérios utilizados para o fechamento da amostra, estes advêm da sensibilidade do pesquisador, ao identificar o

momento em que os dados parecem atingir uma saturação, ou seja, quando há repetição naquilo que é colocado.

A segunda etapa, foi composta pela descrição e análise dos dados. A descrição foi realizada a partir da organização do material em fichas de leituras, contendo autores e a referência completa do texto, quais sejam: número de páginas, local em que foi encontrado ('URL' do *website*, no caso de materiais em formato digital), palavras-chave, aos quais se acrescentaram comentários sobre possíveis relações com as questões da pesquisa e construção dos objetos empíricos.

No que concerne à análise, foram utilizadas técnicas usuais de análise de conteúdo para decifrar, em cada texto, o núcleo emergente que servisse ao propósito da pesquisa. Esta etapa consistiu num processo de codificação, interpretação e de teorização das evidências empíricas concretas e verificáveis, cujo resultados foram divididos em duas partes: na primeira, abordamos a questão da despedida, do luto e os rituais fúnebres envolvendo as vítimas fatais da Covid-19 e, na segunda, realizamos uma análise sobre as experiências contemporâneas do morrer em face da Covid-19.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

As questões em torno da finitude e o processo de morrer, apenas mais recentemente têm se tornado um objeto de estudo que mobiliza maior interesse na área da saúde. Entretanto, sua abordagem aparece frequentemente como um tema secundário, sendo relacionado com a história da sanidade, do sanitarismo, da higienização, da religiosidade, da medicina e das doenças (NEGRINI, 2014).

Em tempos de Pandemia da Covid-19, a hospitalização de um ente querido, tem modificado o cotidiano das famílias, gerando sentimentos de angústia diante da letalidade da doença, aliados a esperança da cura, por meio de tecnologias de suporte avançado para a manutenção da vida. Com a aproximação do evento da morte, o medo de não poder estar presente no derradeiro momento da despedida, perturbam os familiares, ocasionando um grande sofrimento diante da finitude humana.

3.1 A despedida, o luto e os rituais fúnebres na presença da Covid-19

A Itália vive tempos tenebrosos com 229.858 casos confirmados e 32.785 mortes informadas no dia 24 de maio de 2020. O país ultrapassou a China em número de mortos por Covid-19. Apesar de as medidas implementadas, como quarentena obrigatória a nível nacional, os italianos ainda tentam superar a dramática crise de saúde resultante da disseminação do vírus. A falta de profissionais de saúde e outros equipamentos essenciais, fez o sistema de saúde entrar em colapso (BARRUCHO, 2020; JOHNS HOPK, 2020).

Neste contexto, milhares de famílias vivem uma situação desoladora, seus entes queridos estão morrendo em consequência da Covid-19 em isolamento hospitalar. As

visitas foram proibidas porque o risco de contágio é muito alto. Assim, os pacientes internados em hospitais, acometidos pela forma mais grave da doença e com poucas chances de sobreviverem, ficavam completamente sozinhos. A grande maioria morre e sem conseguir se despedir de seus entes queridos (BBC NEWS BRASIL, 2020).

Francesca Cortellaro, médica do Hospital San Carlo Borromeo - Milão, foi testemunha ocular do pesadelo que vivem os pacientes portadores da Covid-19 e seus familiares. Observar os pacientes implorarem para se despedirem dos familiares é dramático. Face a isso, a médica sensibilizada com esta situação, pegou o telefone e ligou para a neta de uma paciente através de chamada de vídeo, permitindo que a paciente pudesse se despedir de seus entes queridos (BBC News Brasil, 2020; Doria, 2020).

O drama vivenciado pelos pacientes terminais da Covid-19 e seus familiares motivou um grupo de militantes do Partido Democrático de Milão a liderar uma iniciativa pioneira no mundo, para que os pacientes terminais tivessem a possibilidade de se despedir de seus entes queridos. Dessa forma, eles compraram cerca de 20 *tablets*, que mais tarde foram distribuídos no Hospital San Carlo Borromeo, permitindo as chamadas de vídeo. Esta iniciativa recebeu o título de 'O Direito de Dizer Adeus' (BBC News Brasil, 2020; Doria, 2020).

Desde então, os profissionais de saúde, em todo o mundo, vêm utilizando a tecnologia digital para oferecer algum conforto aos pacientes portadores da Covid-19, no momento da finitude. O isolamento social tem surgido como a principal e comum recomendação de prevenção e controle da transmissão entre diferentes países e demonstrou ser uma das estratégias mais eficazes para conter o Novo Coronavírus (DORIA, 2020).

Gomes e Ruiz (2006) afirmam que nos dias atuais, particularmente, nas sociedades industriais e pós-industriais, a morte vem sendo transferida dos domicílios das pessoas para o ambiente hospitalar, o que desafia as equipes de saúde a refletirem sobre o viver e morrer, seus conceitos e valores assim como os posicionamentos éticos e emocionais e, sobre os dilemas que envolvem os que cuidam dos enfermos, no momento da finitude humana.

Por outro lado, sob a ótica dos pacientes e dado a característica contagiosa da Covid-19 e a relevante proporção de casos fatais, estes pacientes não têm ao lado os entes queridos, no momento em que mais precisam. Eles estão completamente sozinhos e cientes do que está para acontecer. A impossibilidade de dizer adeus aos seus familiares em função da pandemia da Covid-19 machuca mais que a própria morte (DORIA, 2020).

Segundo Vidardaga (2020), ainda não existe uma vacina para prevenção da Covid-19. Nesse contexto, o crescimento exponencial do número de casos de Covid-19 na população, somado ao aumento do número de óbitos, evidencia que o planeta vive seu maior desafio, desde a Primeira Guerra Mundial, quando uma pandemia ocorrida em 1918 e 1919, conhecida como Gripe Espanhola, uma das mais devastadoras e letais da história, alastrou-se por todas as regiões do planeta, levando ao óbito aproximadamente 20 milhões

de pessoas. Em relação ao número de doentes, os números são mais assustadores: estima-se que teriam adoecido pelo menos 600 milhões de pessoas em todo o mundo.

É importante destacar que, em qualquer local do mundo que a Covid-19 tenha atingido, os rituais tradicionais para homenagear os mortos e confortar os familiares estão sendo abreviados ou mesmo descartados pelo medo da contaminação (BARRUCHO, 2020).

No Brasil, o cenário é devastador, o paciente vai embora de ambulância, entra num hospital e ninguém da família pode vê-lo, porque não se pode nem visitar. Depois, um telefonema avisa que o paciente evoluiu para óbito, que um caixão lacrado está liberado e que deverá ser enterrado sem funeral. Os hospitais vêm adotando regras estabelecidas pelo Estado para o manejo de corpos e outras questões gerais após a morte de um paciente pela Covid-19. Nesse contexto, os corpos precisam ser colocados em caixões imediatamente, sem serem vestidos ou tratados, por conta do risco de contaminação (VEJA, 2020).

Esta cruel pandemia afronta os direitos garantidos na Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, quando não possibilita o mínimo de dignidade devida ao ser humano na finitude e no morrer (ONU, 2005).

Chiavenato (1998) afirma que o sociólogo inglês Geoffrey Gorer foi o primeiro a observar a importância da prática do luto no momento em que ele era abandonado após a Segunda Guerra Mundial, a partir de meados da década de 1950. Foi na sociedade contemporânea que as pessoas começaram a desprezar o luto, submetendo-se aos novos costumes com relação à morte. O autor concorda com a ideia de que já não há mais o hábito de sinalizar, através do luto, que estamos sofrendo. As imposições da sociedade vão além dos sentimentos.

3.2 Convivendo com a morte: uma análise sobre as experiências contemporâneas do morrer em face da Covid-19

Na sociedade contemporânea, a morte é organizada de forma objetiva, esse processo de objetivação do morrer é resultado da convergência de duas transformações que se encontram interligadas: por um lado, do encontro das racionalidades científicas das áreas médicas e mercantil, bem como da indústria funerária. Por outro, do declínio progressivo da religião no processamento da morte. Assim, a morte converte-se em ponto de passagem de uma extensa rede de conhecimentos sociotécnicos, para o qual convergem as intervenções especializadas, operadas por médicos, enfermeiros, psicólogos e agentes funerários, que organizam o significado contemporâneo do morrer (WILLMOTT, 2000).

Com efeito, esse entendimento objetivo, científico e asséptico sobre o processo do morrer na configuração contemporânea se opõe historicamente ao trato, manejo e organização da morte no passado.

Nesse sentido, o historiador francês Philippe Ariès (2003), conhecido por seu estudo sobre a morte no ocidente, ao retratar os modelos da morte na Idade Média e no contexto contemporâneo, considera que na Idade Média a morte era menos ocultada, devido ao fato do morrer ser considerado uma questão mais pública e menos privada. Para ele, na sociedade medieval, as pessoas morriam em suas casas. Seus processos e rituais eram coletivos e os sentimentos eram externalizados, contrariamente à sociedade contemporânea, em que morrer teria se tornado um fato privado e esvaziado de sentimentos.

Segundo Maranhão (1987), antigamente, a morte era mais próxima da esfera familiar. O paciente terminal passava seus últimos momentos em casa, perto das pessoas que amava, tendo direito de realizar os últimos desejos e se redimir de seus erros e desavenças. Já na contemporaneidade, boa parte da população nasce e morre nos hospitais, o que torna muitas vezes a morte invisível.

De acordo com Anne Marie Moulin (2008), o século XIX havia reconhecido o direito à doença, assegurado pelo Estado providência. O século XX saudou um novo direito do homem, o direito à saúde, compreendido como a plena realização da pessoa, e sobretudo, um direito à assistência médica. Ainda, segundo a referida autora:

“A história do corpo no século XX é a de uma medicalização sem equivalente [...] ela promulga regras de comportamento, censura os prazeres, aprisiona o cotidiano em uma rede de recomendações. Sua justificação reside no progresso de seus conhecimentos sobre o funcionamento do organismo e a vitória sem precedentes que reivindica sobre as enfermidades, atestada pelo aumento regular da longevidade” (MOULIN, 2008, p.15).

No século XX, a medicina mudou o cenário e a representação da morte no ocidente. O hospital é definido como o espaço adequado ao manejo da doença e da morte.

De acordo com Elias (2001), a medicalização da relação com a morte e as atribuições dos profissionais de saúde sobre seu manejo, colocou o processo do morrer na ordem de entendimento e explicação científicos dos fins naturais e não mais na ordem religiosa da passagem ao mundo sobrenatural. Além disso, retirou a condução do processo da prática e ordem familiar. Como consequência direta dessa mudança de paradigma, as diretrizes sanitárias e médicas expuseram os pacientes terminais a cuidados padronizados e destituídos da afetividade inerente as relações familiares, aumentando o risco ao isolamento nos leitos dos hospitais, alocando-os nos bastidores de sua própria morte.

Uma das razões que justificam o afastamento dos pacientes terminais “para os bastidores da vida social” (Elias, 2001, p.31), é medicalização da vida, sobretudo graças à crescente incorporação tecnológica à medicina.

Dessa maneira, os médicos e equipe multiprofissional de saúde assumem o ofício de lidar com a morte do outro, bem como os hospitais passam a ser considerados e legitimados como o local da doença e da morte. Numa outra escala de organização da morte, o Estado institucionalizou o controle sobre a morte que pertence ao saber/poder médico.

De acordo com Anne Marie Moulin:

“A medicalização, encetada em meados do século XIX e apoiada pelos poderes públicos, fez dos médicos os intermediários obrigatórios da gestão dos corpos presos em uma rede de obrigações em concordância com os grandes acontecimentos da socialização [...]. Para proteger a saúde pública, o estado estabeleceu uma organização que pode suspender certas liberdades privadas (como no caso da vacinação). Já estamos tão acostumados a isto, que não vemos mais imediatamente que aí se dá um caso de coerção sobre o corpo, enquanto repudiamos o conjunto das servidões corporais como indigna herança do passado” (MOULIN, 2008, p.18-19).

Nesse sentido, tem-se que o controle, as regras, a vigilância e as formas de intervenção sobre as práticas corporais, sobre as tecnologias de manutenção da vida que são, por assim dizer, expressões de uma nova ordem legítima de administração dos médicos e equipe multiprofissional de saúde sobre a morte.

É importante considerar que em tempos de crise, o paradigma médico se intensifica, condiciona (com mais regramentos) e interfere na sociedade sobre processo da finitude humana. É o caso, por exemplo, das epidemias e pandemias.

O caráter distintivo das epidemias está em sua manifestação coletiva e singular. É coletiva enquanto fenômeno que atinge grupos de indivíduos, provocando alterações no modo de ‘andar a vida’ e singular, enquanto ocorrência única na unidade de tempo e espaço em que ocorre (FOUCAULT, 1977).

Com efeito, as práticas de intervenção estatal utilizadas para o combate às epidemias ou pandemias refletem, de um lado no conhecimento que se tem do fenômeno e de outro, nas regras de atuação do Estado em cada período histórico. Dentro de uma administração contemporânea do processo da finitude humana e controle da vida, as nuances do biopoder vêm se mostrando cada vez mais claras e interferindo na sociedade. Em momentos de surtos de doenças, as pessoas têm seus rituais de morte, despedidas, velórios, vivências de sentimentos alterados drasticamente pelas regras impostas pelo Estado sobre todas essas experiências individuais e coletivas.

Durante o período da pandemia da Covid-19, o MS publicou um protocolo de manejo dos corpos dos pacientes acometidos pela doença em todo território nacional. Neste protocolo, o reconhecimento do corpo por familiares deve ser realizado, principalmente, por meio de fotografias, evitando o contato ou exposição dos familiares com os corpos de seus entes queridos (BRASIL, 2020b).

O corpo devidamente empacotado deve ser acomodado em urna funerária a ser lacrada, antes da entrega aos familiares. Após lacrada, a urna não deverá ser aberta, para evitar qualquer tipo de contato com o corpo do falecido no *post-mortem*. Os velórios e funerais das vítimas da Covid-19 não são recomendados durante os períodos de isolamento social e quarentena, haja vista a necessidade de evitar aglomerações (BRASIL, 2020b).

Com relação a cerimônia de sepultamento, o MS recomenda evitar aglomeração de pessoas, respeitando uma distância mínima de, pelo menos, dois metros entre elas, bem

como outras medidas de isolamento social e de etiqueta respiratória. Recomenda-se que o enterro ocorra com, no máximo, 10 pessoas. Os corpos das vítimas da Covid-19 podem ser enterrados ou cremados (BRASIL, 2020b).

É importante considerar que as epidemias estiveram sempre presentes na história do homem no tempo, intensificando-se nas épocas de transição entre os modos de produção e nos momentos de crise social. Assim, inúmeros são os relatos de epidemias durante a Antiguidade e a Idade Média, todavia, é no período de transição entre o modo de produção feudal e o modo de produção capitalista que as epidemias assumiram proporções devastadoras (ROSEN, 1979).

Nesse aspecto, desenvolveu-se no século XIX, um conjunto de ações estatais sobre a saúde pública, que se convencionou chamar de ‘polícia médica’. A intervenção do Estado no que diz respeito à saúde se amplia, incluindo a fiscalização dos locais de trabalho, a obrigatoriedade da incineração ou sepultamento dos cadáveres, no controle sobre o comércio de alimentos, saneamento das habitações e outras medidas, visando a melhoria das condições de vida urbana (ROSEN, 1979).

A medicalização inserida no campo do biopoder contemporâneo e as intervenções estatais sobre o ritmo de vida nas sociedades ocidentais no controle das doenças se caracteriza por experiência comum entre Estados nacionais. Foucault e Machado (1989), nos mostra no livro intitulado ‘Microfísica do Poder’, que o Estado tem poder legitimado, bem como legitima grupos de profissionais da área da saúde, com a finalidade controlar os fenômenos de saúde em nível estatal. Nesse contexto, A medicina do Estado é caracterizada pela estatização e coletivização do saber médico.

Nesse seguimento, torna-se cada vez mais influente, como se percebe, a ideologia da medicina, a qual julgava ser necessário prevenir doenças, higienizar o ambiente e reorganizar a morte. Entretanto, a questão das pandemias coloca em fragilidade o controle e administração da vida e da morte, pondo em cheque, a maneira habitual de concebê-las e controlá-las.

Em tempos atuais da pandemia causada pela Covid-19 no mundo, observa-se a reinstalação de muitos problemas, cujo controle era tido como satisfatório, incluindo o trato com a morte, os profissionais de saúde, os mortos e as famílias devastadas pela perda de um ente querido.

4 | CONCLUSÃO

A morte é uma etapa natural e importante do ciclo de vida e uma experiência universal, mas o modo de como ela é manejada pode variar entre as sociedades. Em todas elas, a dinâmica dessa etapa é conduzida por valores socioculturais e familiares que podem, em algumas situações, se conflitar com a rigidez e a dinâmica do cuidado e da assistência à saúde nos serviços de saúde, além dos profissionais de saúde.

Com pandemia da Covid-19, esses conflitos de valores frente as regras de isolamento estabelecidas, pelo Estado, no tratamento, do convívio social e no luto e despedida dos pacientes falecidos, tem levado a discussão crescente sobre as questões que envolve a Tanatologia em face da finitude humana.

A dinâmica de disseminação e elevado número de óbitos em escala global do Covid-19 mostra que as sociedades não estão preparadas para garantir o mínimo de dignidade para os entes falecidos e familiares. Profissionais de saúde estão em sobrecarga física e mental com volume dramático de casos que demandam cuidados intensivos, óbitos gerados e familiares a busca de informações.

Portanto, os desafios que se apresentam indicam as enormes dificuldades que precisam coletivamente ser enfrentadas por toda a sociedade a fim de solidarizar os valores humanos de respeito e dignidade no momento de morrer, para que estes não sejam suplantados pela pandemia da Covid-19. Ao final dela, espera-se que a laços de solidariedade emergidos nesse momento de epidemia, possam frutificar em relações sociais mais fortes e maior coesão social.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARRUCHO, L. **Coronavírus: covid-19 já mata mais por dia que a tuberculose, doença infecciosa mais letal do mundo**. [ONLINE]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52135988>. Acesso em: 02 abr. 2020.

BBC NEWS BRASIL. **A campanha na Itália para que pacientes terminais com coronavírus possam dizer adeus a familiares**. Brasil, 23 mar. 2020a. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52005958>. Acesso em: 26 mar. 2020.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra**. 8 ed. São Paulo: Vozes, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é coronavírus?** 2020a. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#transmissao>. Acesso em: 20 mar. 2020a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus**. 2020b. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/marco/25/manejo-corpos-coronavirus-versao1-25mar20-rev5.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2020.

CHIAVENATO, J.J. **A morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Moderna, 1998.

DORIA, G. **Na Itália, pacientes terminais isolados dão último adeus**. Agência Pleno News, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://pleno.news/mundo/na-italia-paciente-terminais-isolados-dao-ultimo-adeus.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

FERREIRA, A.M.Y.; WANDERLEY, K.S. **About death and dying: a space for observation**. Journal Kairós Gerontologia, v. 17, n. 1, p. 169-180, 2014.

- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitaria, 1977.
- FOUCAULT, M.; MACHADO, R. (org.). **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.
- GOMES, A M.A.; RUIZ, M. R. **Vida e morte no cotidiano: reflexões com o profissional da saúde**. Fortaleza: EdUECE, 2006.
- JOHNS HOPK. University and Medicine. **Coronavirus covid-19 global cases by the center for systems science and engineering**. [ONLINE]. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em 24 mai. 2020.
- MARANHÃO, J. L.S. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MORIN, E. **O homem e a morte**. Portugal: Publicações Europa-America, 1988.
- MOULIN, A. M. **O corpo diante da medicina**. In: CORBIN, A. et. al., *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- NEGRINI, M. A. **Significação da morte: um olhar sobre a finitude humana**. Rev. Sociais e Humanas. Santa Maria, v. 27, n. 1, p. 29-36, jan./abr. 2014.
- NEVEU, E. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- ONU. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos**, 2005. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_univ_bioetica_dir_hum.pdf. Acesso em: 18 abr. 2020.
- ROSEN, G. **Da polícia médica à medicina social**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.
- SILVA, V.S.; COSTA, D.P. **O jornalismo científico na cultura digital**. [ONLINE]. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2017/resumos/R56-0154-2.pdf>. Acesso em 02 abr. 2020.
- TAVARES, C. K. **Dimensões do cuidado na perspectiva da espiritualidade durante a pandemia pelo novo coronavírus**. Journal Health NPEPS, v.5, n.1, p. 1-4, 2020.
- THIOLLENT, M. **Jornalismo científico e suas funções no conjunto da comunicação social**. 2. ed. Campinas: Comunicarte, 1983.
- VEJA. **Coronavírus: países mais afetados sofrem com demanda por serviço funerário**. Veja, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/coronavirus-paises-mais-afetados-sofrem-com-demanda-por-servico-funerario/>. Acesso em: 17 abr. 2020.
- VILARDAGA, V. **Na Itália, pacientes terminais isolados dão último adeus**. Istoé, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-drama-da-civilizacao>. Acesso em: 05 abr. 2020.
- WILLMOTT, H. **Death. so what? sociology, sequestration and emacipation**. Sociological Review [S.I.], v. 48, n. 4, p. 469-465, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Animais Domésticos 13, 166, 167, 169, 171, 174, 175

B

Bioética 20, 23, 26, 31

Biotecnologia 176, 177

Brasil 2, 5, 6, 8, 10, 1, 2, 3, 4, 8, 9, 11, 17, 20, 21, 25, 26, 28, 29, 30, 34, 35, 42, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 73, 75, 78, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 99, 102, 105, 106, 107, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 142, 143, 150, 155, 176

C

Ciência 2, 3, 4, 5, 7, 21, 22, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 41, 47, 48, 75, 99, 105, 132, 133, 142

Comunicação 1, 2, 6, 15, 18, 22, 23, 31, 32, 34, 93, 94, 110, 111, 112, 115, 117, 121

COVID-19 2, 8, 9, 10, 11, 12, 1, 2, 3, 4, 8, 9, 11, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 106, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 177

Crimes contra o patrimônio 12, 154, 158, 159, 160, 161, 162, 164

D

Desigualdade social 32, 33, 38, 39, 40, 44, 45, 46, 48, 52, 58, 62, 91, 92, 119, 120, 126, 127, 128, 154, 155, 156, 159, 160, 163, 164

Distanciamento Social 12, 154

Doença infecciosa 30, 133

Doenças emergentes 12, 131, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143

Doenças reemergentes 131, 132

E

Educação 3, 4, 5, 6, 7, 12, 31, 52, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 129, 177

Educação a Distância 90, 92, 96, 97, 98, 99, 103, 111, 117

Educação Básica 12, 100, 101, 102, 104

Ensino Público 93, 98, 100, 101

Epidemiologia 42, 48, 58, 88, 132, 167, 170, 177

Equipe multiprofissional 27, 28

F

Farmacêutico 12, 144, 145, 146, 147, 150, 151

Farmácia 147

Fatores socioeconômicos 32

G

Gestação 69, 70, 71, 72, 74, 78

I

Imunoterapia 145, 149

Infecção 12, 13, 21, 33, 46, 52, 58, 62, 63, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 80, 82, 85, 127, 133, 146, 148, 149, 150, 155, 169, 171, 172, 173, 174, 175

Infecções por coronavírus 44, 72

Infectividade 20, 140

J

Jornalismo de Dados 10, 1, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 15, 138, 139, 142

L

Leite Materno 75, 80, 81, 82, 83, 85, 86

Luto 19, 22, 24, 26, 30, 39, 66

M

Medicina 24, 27, 29, 31, 60, 63, 68, 69, 72, 89, 118, 121, 125, 126, 130, 137, 177

Morte 11, 14, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 57, 66, 70, 71, 82, 86, 91, 133, 168, 171

N

Narrativas 10, 1, 2, 3, 5, 8, 17, 138

Neuropsiquiatria 60

Novo Coronavírus 12, 20, 21, 22, 23, 25, 30, 31, 44, 60, 62, 64, 65, 69, 78, 84, 90, 100, 101, 102, 121, 126, 127, 128, 143

P

Pandemia 8, 10, 12, 2, 3, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 85, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 114, 118,

120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 142, 144, 145, 146, 147, 150, 151, 154, 164
Profissionais de saúde 22, 24, 25, 27, 29, 39, 44, 45, 46, 47, 48, 64, 81, 82, 84, 86, 127, 145, 150

S

SARS-CoV-2 8, 20, 32, 33, 43, 44, 51, 61, 62, 63, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 84, 88, 90, 110,
120, 133, 143, 146, 148, 149, 151, 152, 153

Saúde Mental 11, 32, 33, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 96, 105

Saúde Pública 2, 20, 22, 28, 29, 33, 40, 41, 43, 45, 46, 49, 51, 58, 59, 64, 70, 80, 87, 88, 102, 104,
120, 121, 137, 141, 143, 147, 155, 168, 177

Serviços de Saúde 29, 41, 42, 58, 121, 127, 145, 151

Síndrome Respiratória Aguda Grave 62, 84, 132, 146, 148, 168

T

Tanatologia 20, 21, 23, 30

Tecnologias de Informação e Comunicação 6

Tecnologias educacionais 116

Terapêutica 147, 148, 149

Transmissão 25, 34, 62, 71, 72, 74, 75, 76, 81, 82, 85, 86, 90, 91, 110, 119, 120, 126, 133, 151,
154, 155

Transmissibilidade 33, 62, 120, 170, 173, 175

Tratamento Farmacológico 145

V

Vigilância em Saúde 96, 137

Vulnerabilidade Social 51, 57, 137

***COVID-19 no Brasil:
Os Múltiplos Olhares da Ciência
para Compreensão e Formas de
Enfrentamento***

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

***COVID-19 no Brasil:
Os Múltiplos Olhares da Ciência
para Compreensão e Formas de
Enfrentamento***

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 